

Mulheres latino-americanas nas relações internacionais do século XX: um panorama

Latin American Women in International Relations in the 20th Century: An Overview

Nathália Henrich*
Itzel Toledo García**,¹

O Dia Internacional das Mulheres na Diplomacia, a ser comemorado no dia 24 de junho, foi criado recentemente. A Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a Resolução 76/269 em 20 de junho de 2022. No texto da resolução reafirma-se a importância da participação ativa das mulheres em todos os níveis de decisão para o alcance da igualdade, entre eles, a diplomacia. Notando a sub-representação das mulheres na área, o texto reconhece ainda “as importantes contribuições que as mulheres fazem para a diplomacia”, e finaliza com um convite aos países membros, organizações parte do sistema das Nações Unidas e demais organismos relevantes, para que observem a data e utilizem a oportunidade para promover a “participação plena e igualitária das mulheres em todos os níveis da diplomacia”².

A criação de uma data alusiva ao assunto é mais um sinal de que a presença e a atuação das mulheres nas relações internacionais em geral, e na diplomacia profissional em particular, vêm recebendo cada vez mais atenção em diversas partes do mundo e em vários âmbitos.

As razões para o interesse crescente são várias. No campo da diplomacia profissional, o elemento propulsor são as próprias mulheres que hoje ocupam cargos nos serviços exteriores de seus países. Ao alcançarem estas posições, elas vêm se interessando tanto em valorizar o papel desempenhado por suas antecessoras, como em aumentar a representatividade das mulheres, eliminando as disparidades que impedem ou dificultam o acesso e o desempenho

* Universidade Federal do ABC (UFABC), São Bernardo do Campo, SP, Brasil. nathalia.henrich@ufabc.edu.br <<https://orcid.org/0000-0001-7691-2477>>

** Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo (UMSNH), Morelia, Michoacán, México. itzeltoledog@gmail.com <<https://orcid.org/0000-0001-9720-6512>>

das suas funções em condições de igualdade com seus pares homens. No Brasil, este movimento vem se intensificando nas últimas décadas e ganhou uma cara pública com a criação da “Associação das mulheres diplomatas do Brasil (AMDB)”, cujo principal objetivo é a “criação de um Itamaraty mais igualitário e representativo” (Quem somos, [s.d.]). A AMDB é uma associação de classe, mas seus objetivos extrapolam a defesa dos interesses coletivos de seus membros, ao também estabelecer como foco “formular e apresentar medidas formais que promovam a entrada e a ascensão de mulheres na carreira diplomática”. Há, portanto, o desejo de promover mudanças institucionais profundas, que refletem novos tempos no Itamaraty e fora dele.

O trabalho vem se dando em várias frentes³. Uma das estratégias utilizadas para visibilizar a questão foi a produção do documentário *Exteriores – Mulheres brasileiras na diplomacia*, em 2018, em que mulheres diplomatas, aposentadas e na ativa, tratam abertamente dos desafios que enfrentam na carreira e dos lentos avanços conquistados⁴. O interesse do grande público pelo filme confirma a tendência percebida por Paula Bruno (2022), de um interesse crescente no papel das mulheres na vida diplomática para além da academia⁵.

A AMDB também tem objetivos de longo alcance, com vistas a influenciar diretamente a formulação de políticas. Entre eles está talvez o mais ambicioso: “incorporar a Perspectiva de Gênero na Política Externa Brasileira”, inspirada no exemplo de outras chancelarias, que já incorporaram uma “perspectiva de gênero”. Na última década, vimos o aumento da disposição de governos nos continentes europeu e americano neste sentido. O primeiro país a adotar uma política externa declaradamente feminista foi a Suécia (2014); logo vieram Canadá (2017), França (2019), Luxemburgo (2021) e Alemanha (2021). Na Iberoamérica, o pioneiro foi o México (2020), seguido da Espanha (2021), do Chile (2022) e da Colômbia (2022)⁶.

Não há um consenso⁷ estabelecido sobre a definição de “política externa feminista”. Em termos gerais, os governos posicionam a igualdade como elemento fundamental, o que inclui, mas não limita, a equidade na presença de mulheres e homens em posições diplomáticas e consulares. Em termos práticos, no entanto, os resultados são pífios. Como demonstram os dados, as barreiras legais, culturais e socioeconômicas para as mulheres persistem. Apesar dos avanços pontuais, o aumento da presença das mulheres na política internacional tem sido lento e este permanece sendo um espaço predominantemente masculino. Élodie Brun (2025), utilizando dados de 2023, aponta que, a nível global, do total de embaixadores e representantes em missões dos organismos do sistema das Nações Unidas, somente 20,54% são mulheres. As dis-

paridades regionais são grandes, com a Europa apresentando a taxa mais alta de participação feminina (28%), enquanto o Oriente Médio e o Norte da África registram a mais baixa, com 10%. A América Latina não destoa do conjunto, nem mesmo no caso dos países que declararam adotar uma política externa feminista. As mulheres são 23% no México, 24% no Chile e 15% na Colômbia. Os resultados em termos de equidade gênero não são, portanto, significativamente melhores do que os alcançados pelos países com os serviços exteriores mais numerosos da região, que não se comprometeram diretamente com a pauta, como a Argentina (com 21%) e o Brasil (com 14,5%)⁸.

A questão da equidade não é, contudo, apenas sobre “quanto”, mas também sobre “onde”. Para além da quantidade de mulheres nomeadas para os postos do mais alto escalão da diplomacia, a localização e o *status* destes postos é crucial. A classificação dos postos no exterior obedece a critérios geopolíticos, que podem variar de país para país, de acordo com as diretrizes da sua política externa, mas é inegável a existência de uma hierarquia, relacionada ao poderio militar e econômico, entre outras questões. Quando Ann Towns e Birgitta Niklasson (2018) se perguntaram onde estavam as embaixadoras, encontraram como resposta que elas não estavam ocupando os postos de maior *status*.

O trabalho de Elise Stephenson (2022) reitera que, tomada isoladamente como medida, a quantidade de nomeações pode distorcer a realidade, pintando um quadro mais positivo. Ao estudar o caso da Austrália, onde as mulheres praticamente alcançaram a paridade, ela detectou uma ressalva. A chegada das mulheres em número quase igual ao dos homens aos cargos mais altos coincidiu com a perda de orçamento e de impacto nas decisões governamentais em matéria internacional do Ministério de Relações Exteriores. Deste modo, “os novos ganhos de representação das mulheres são limitados pelo poder funcional reduzido dos papéis e instituições que ocupam” (Stephenson, 2022, p. 555).

Ambos os estudos mencionados se desenvolveram na esteira da chamada “virada de gênero” na pesquisa sobre diplomacia, conforme definido por Karin Aggestam e Ann Towns (2019). As internacionalistas suecas identificam três grandes temas abordados na crescente produção acadêmica, a partir da análise de uma bibliografia majoritariamente publicada em inglês, somada a alguns textos em alemão e francês.

Sem dúvida, a área mais desenvolvida é a história diplomática, na qual há um predomínio de pesquisas sobre o papel das mulheres na diplomacia europeia nos últimos cinco séculos. Aggestam e Towns (2019) ressaltam que as mulheres na Europa participaram como negociadoras e embaixadoras desde o século XV até o XVII, mesmo antes de serem incorporadas oficialmente como

membros do serviço exterior. Isto era possível porque os “laços com as cortes reais, mais do que o sexo, eram centrais para as interações diplomáticas”, permitindo que mulheres de elite participassem “extensivamente em diplomacia” (Aggestam; Towns, 2019, p. 13). Posteriormente, algumas mulheres sem cargos oficiais influenciaram na política internacional ao fazerem parte das cortes reais do século XVIII, e, sobretudo nos séculos XIX e XX, esposas de diplomatas foram facilitadoras de interações diplomáticas. Já no século XX, com a entrada das mulheres no serviço exterior, estas têm se tornado objeto de estudos de caso nacionais.

No segundo grupo estão estudos realizados na última década, que buscam entender onde as mulheres exercem os cargos conquistados e atentam para o nível destes cargos. Estas pesquisas não se limitam às mulheres, incluindo homens e pessoas não binárias e transgênero. Ainda assim, Aggestam e Towns (2019) chamam a atenção para a carência de estudos sobre a entrada de pessoas não heterossexuais e não binárias na carreira diplomática. Finalmente, o terceiro grupo, ainda diminuto, é formado por estudos das relações de gênero no âmbito das instituições. Estas pesquisas indagam sobre as mudanças – se é que existem – provocadas pelo aumento da presença de mulheres nas relações de poder institucional. Até o momento, as conclusões são convergentes. Há um padrão estabelecido segundo o qual mulheres estão posicionadas em cargos que dão suporte aos homens, os quais detêm as funções principais dentro da estrutura institucional.

A proposta de Aggestam e Towns (2019) é combinar os três campos de pesquisa – história diplomática, estudos descritivos sobre representação e estudos sobre relações de gênero institucionais – e incorporar categorias da teoria feminista e de gênero para que se alcance uma visão mais completa sobre a presença das mulheres e as questões de gênero no âmbito da diplomacia. Elas advertem que há um bom número de trabalhos sobre a Europa e a América do Norte, mas poucos sobre África, Ásia e América Latina. Com isso, não é possível ter uma visão global do assunto.

Em que pese a produção na América Latina ser ainda modesta, ela é crescente e promissora. Pioneira na área, a historiadora argentina Paula Bruno (2021a, 2022) vem se dedicando não apenas a desenvolver pesquisas sobre o tema, mas a oferecer propostas teórico-metodológicas para o campo, a partir da Nova História Diplomática. Ela realizou um balanço semelhante ao realizado por Aggestam e Towns (2019), porém, ampliando o escopo da bibliografia consultada para incluir textos em espanhol, português e italiano, além do inglês e do francês.

Quanto às tendências de análise, Bruno (2021a) elenca quatro principais: a agência das mulheres ou agência feminina, o estudo das experiências de mulheres e homens, a cultura diplomática e o gênero. Com relação aos temas, ela faz uma divisão em cinco grupos: mulheres europeias na cultura diplomática entre os séculos XV e XVIII; as *salonières* europeias dos séculos XVIII e XIX; as esposas de diplomatas ao longo do século XIX e inícios do século XX; as mulheres que entraram para os serviços exteriores europeus e americanos durante a Grande Guerra e o período entreguerras; e as mulheres que se incorporaram à carreira diplomática a partir da Segunda Guerra Mundial em todo o mundo. Sobre as mulheres latino-americanas, Bruno (2022, pp. 50-51) aponta que os estudos têm se concentrado naquelas que fizeram parte do serviço exterior e do corpo funcional de organismos internacionais oriundas de países como Brasil, México e Chile, durante a primeira metade do século XX, ao lado dos estudos que enfocam as experiências diplomáticas de mulheres no contexto da Revolução Mexicana.

O século XX, sem dúvida, é o mais bem conhecido e não apenas na América Latina⁹. Afinal, ele marca a entrada definitiva das mulheres na arena internacional como agentes diplomáticas e assumindo funções oficiais. Desde o período entreguerras até o presente, mulheres em várias partes do globo passaram a representar seus países ocupando postos nos altos escalões dos órgãos gestores da política exterior, no âmbito das relações bilaterais – em consulados, legações e embaixadas – e multilateralmente, em postos nas organizações internacionais e regionais. Enquanto algumas mulheres serviram como diplomatas e cônsules de carreira após processos de seleção institucionalizados, outras foram nomeadas como representantes pelas mais altas autoridades políticas de seus países para cargos de confiança. Além disso, desde as últimas décadas do século XX, há mulheres à frente dos ministérios das Relações Exteriores de seus países. Como nota Fabián Herrera León (2024, p. 15), este é o século em que “a ascensão das mulheres na arena pública começou a ser tão extraordinária quanto notável, característica que contribuiria para a democratização do sistema internacional após o primeiro pós-guerra”.

Assim, as mulheres em cargos oficiais no século XX são o tema predominante na produção da região. Os mais abundantes são os estudos de caso nacionais, e a produção no Brasil não destoa. Estes trabalhos começam a surgir em maior número a partir da década de 2000, período que coincide com o que se anunciava como uma nova era dentro do Itamaraty, quando os temas de diversidade e igualdade passaram a fazer parte da pauta¹⁰. É sintomático deste

momentum que boa parte das obras surgidas tenham alguma relação com o Itamaraty.

2018 marcou uma efeméride importante: os 100 anos desde que Maria José de Castro Rebello Mendes foi aprovada em primeiro lugar no concurso e se converteu na primeira diplomata brasileira, além de primeira funcionária pública concursada no país. Além de medidas como a criação de campanhas para atrair mais mulheres para a carreira, várias iniciativas surgiram. Neste ano é publicado o estudo historiográfico sobre a trajetória das mulheres na carreira diplomática brasileira, de Guilherme Friaça (2018). O texto, apresentado no Curso de Altos Estudos do Instituto Rio Branco, conta com introdução da pena da Embaixadora Thereza Maria Machado Quintella, ela mesma uma pioneira da carreira, ao ter sido a primeira aluna do Instituto Rio Branco nomeada embaixadora. O prólogo é assinado pelas também diplomatas Ana Beatriz Nogueira e Viviane Rios Balbino, ambas representantes da nova geração articulada em torno da AMDB.

Balbino (2011) já havia publicado em forma de livro a sua dissertação de mestrado em Diplomacia, defendida no Instituto Rio Branco, sobre a sub-representação feminina, na qual ela faz uso de dados de ingresso no Instituto Rio Branco entre 1993-2003. O tema seria retomado nos trabalhos de Teixeira e Steiner (2017), e de Farias e Carmo (2018), e os efeitos das ações afirmativas de raça e gênero adotadas também já foram objeto de estudo (Gobo, 2018; Paula; Oliveira, 2011).

Rogério de Souza Farias (2017) tratou dos primeiros vinte anos da presença das mulheres no Itamaraty, desde a chegada de Maria José até a proibição imposta pelo Estado Novo; Gabriela Balestero (2022) estende seu período de análise até 2018. Luah Tomas (2020) explora o momento específico da proibição como parte de um contexto mais amplo de racionalização da administração pública brasileira, em que os exames de admissão foram utilizados como mecanismos para implementar uma divisão sexual do trabalho.

Sob os auspícios do Itamaraty, em comemoração ao primeiro Dia Internacional das Mulheres na Diplomacia, veio à luz *Diplomatas: sete trajetórias inspiradoras de mulheres diplomatas*. Organizada pelos diplomatas Thais Mesquita e Guilherme Friaça (2023), a obra traça o perfil de Maria José de Castro Rebello Mendes, Beata Vettori, Odette de Carvalho e Souza, Dora Alencar de Vasconcellos, Vera Pedrosa, Monica de Menezes Campos e Marcela Maria Nicodemos.

No México também houve estímulo oficial por parte da Secretaría de Relaciones Exteriores (SRE), órgão análogo ao Itamaraty, para a realização de estudos e publicações sobre mulheres na carreira diplomática, especialmente

após o compromisso público de adoção de uma política externa feminista. A obra organizada por Leticia Bonifaz Alfonzo (2024) é resultado de um programa de resgate da memória de diplomatas realizado com o apoio das agências de cooperação internacional mexicana e chilena e do PNUD. *Memorias diplomáticas: mujeres del Servicio Exterior Mexicano* (Aguirre O. Sunza et al., 2022) reúne textos acadêmicos e textos autobiográficos escritos por diplomatas de carreira. O Acervo Histórico Diplomático da SRE publicou *Mujeres y relaciones internacionales en el siglo XX: historia y presencia en un mundo en transición* (Herrera León; Toledo García; Moreno Rodríguez, 2024). Este livro trata de mulheres mexicanas e ibero-americanas que participaram de atividades internacionais durante o século XX, incluindo estudos sobre familiares de diplomatas, mulheres com cargos diplomáticos oficiais, participantes em organismos multilaterais, bem como ativistas em redes de cooperação internacional.

A historiadora e diplomata Patricia Galeana (2022) organizou uma compilação de perfis de diplomatas mexicanas atuantes desde o período revolucionário até o final do século XX: Hermila Galindo, Palma Guillén, Cordelia Urueta, Amalia Gonzalez Caballero, María Lavalle Urbina, Paula Alegría, Rosario Castellanos, Emilia Téllez, Graciela de la Lama e Rosario Green. Entre as perfiladas estão figuras menos conhecidas e outras já bastantes estudadas. Palma Guillén faz parte do segundo time. Como a primeira mulher a ocupar o primeiro escalão do serviço exterior mexicano, ela figura nos compêndios de história diplomática nacional e recebeu atenção individual (Kiddle, 2015; Pompa Alcalá, 2023; Ojeda Revah, 2024; Toledo García, 2023). Alguns aspectos específicos de sua carreira foram estudados, como seu trabalho em educação (Adame, 2017), sua vinculação ao projeto cardenista (Gómez Lezama, 2024) e o seu papel na consolidação da imagem de um México pós-revolucionário comprometido com a igualdade das mulheres (Huck, 1999).

Apesar de não ser latino-americana, Alexandra Kollontai tem sua vida muito ligada ao México, onde foi Enviada Extraordinária e Ministra Plenipotenciária da URSS. Ela foi uma revolucionária socialista, pensadora feminista e diplomata que escreveu ficção e obras doutrinárias. Diversos aspectos de sua vida têm sido examinados, e seus diários foram traduzidos e editados em espanhol (Kollontai, 2012). Há também estudos sobre seu trabalho diplomático e específicos sobre a sua experiência no México (Ortiz Peralta, 2017; Rodríguez Everaert; Ruiz Rodilla, 2020; Ruiz Abreu, 2018a). Entre as diplomatas mexicanas que receberam atenção nos últimos anos, podemos agregar Amalia de Castillo Ledón (Cano, 2017; Escalante Monroy, 2024; Tuñón Pablos, 2022), Rosario Castellanos (Chávez Díaz; Toledo García, 2024; Domínguez Miranda,

2019; Dorantes Martínez, 2019; Uribe; Gerber Bicecci, 2023). Entre as latino-americanas que desempenharam funções oficiais de representação no exterior figuram ainda a médica uruguaia Paulina Luisi, a qual também tem sido estudada a partir de sua adesão a ideias eugenistas (Cuadro, 2021; Mansilla Decesari, 2024; Nicoladeli, 2024; Scarzanella, 2000).

A bióloga, diplomata e deputada Bertha Lutz é a brasileira mais estudada. Nacionalmente, foi ativa na luta por direitos políticos à frente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, e, internacionalmente, participou de redes de cooperação com o mesmo fim e representou o Brasil em conferências (Karawejczyk, 2018; Marino, 2014; Marques, 2013). Nos trabalhos que buscam resgatar a contribuição das mulheres na fundação das Nações Unidas, a figura de Lutz merece destaque pelo seu trabalho na Conferência de São Francisco e por sua atuação decisiva para que a redação da Carta da ONU incorporasse igualdade de gênero em sua linguagem (Dietrichson; Sator, 2021; Pietilä, 2002; Skard, 2008).

Sem embargo, a latino-americana mais conhecida possivelmente seja Gabriela Mistral, pseudônimo de Lucila de María Godoy Alcayaga. Não tanto pela sua carreira como funcionária do serviço exterior chileno, no qual foi a primeira mulher a atuar como cônsul, mas pelo seu sucesso como escritora, que lhe valeu um prêmio Nobel em 1945. Seu trabalho como educadora e sua carreira literária são os aspectos mais abordados (Cano, 1996; Ulloa Inostroza, 2022), enquanto sua carreira consular, iniciada em 1932, e que lhe valeu estadias no Brasil, em Portugal, na Espanha, na Itália e nos Estados Unidos, ainda é tratada como secundária (Caballé, 1993; Horan, 2009; 2015; Quezada Ruiz, 2013; Wilkins, 2015).

Entre as poucas exceções aos estudos de caso nacionais está a já referida recente obra de Herrera León, Toledo García e Moreno Rodríguez (2024), que proporciona uma perspectiva ibero-americana ao apresentar casos de mulheres de toda a região que, não raro, se entrecruzam. Um segundo exemplo é a obra de Paula Bruno, Alexandra Pita e Marina Alvarado (2021). Nela, mulheres mexicanas, argentinas e chilenas são apresentadas como “embaixadoras culturais” em uma perspectiva transnacional. O conceito descreve mulheres latino-americanas que, com ou sem cargos oficiais, como “filhas” de seus países no exterior, articularam seus vínculos no mundo diplomático e atuaram como mediadoras na esfera política internacional de 1860 a 1960 (Bruno, 2021a, p. 15). Por exemplo, Pita (2021) estuda Palma Guillén, Gabriela Mistral e Concha Romero a partir do seu epistolário, realçando seu trabalho em organismos multilaterais e enfatizando a rede de amizade que se estabeleceu entre

elas. Estas relações de afeto também foram exploradas nos trabalhos de Herrera León (2023) sobre os laços entre Palma Guillén e a francesa Marguerite Thibert, de Lau Romero Quintana (2025), que estudou a correspondência entre Mistral, Guillén e Consuelo Saleva, e de Scarzanella (2008), que analisou as cartas de Paulina Luisi e Clara Campoamor.

Os trabalhos que se dedicam ao multilateralismo da primeira metade do século XX são os que mais comumente adotam uma perspectiva continental. A atuação de mulheres na luta por direitos políticos e sociais no contexto do panamericanismo tem sido o tema mais trabalhado por, por exemplo, Álvarez Giménez (2019), Carrillo Reveles (2024), Cova (2018), Ehrick (1998), Guy (1998), Marino (2019), Miller (1986), Threlkeld (2007; 2014) e Towns (2010). Por outro lado, são escassas as pesquisas sobre o trabalho das mulheres no âmbito da Sociedade das Nações, com exceção de algumas poucas sobre o trabalho de Mistral e Guillén no Instituto Internacional de Cooperação Intelectual e na OIT (Pita González, 2019; 2021; Herrera León, 2023; Toledo García, 2023; Revah, 2024).

A presença feminina na diplomacia – entendida em sentido amplo – é, no entanto, anterior à sua entrada formal nas carreiras de serviço exterior. Diversas mulheres realizaram importantes atividades em prol da política externa de seus países, mesmo sem uma posição oficial. Esse trabalho pouco reconhecido pelo Estado foi essencial para que seus maridos/pais/filhos/irmãos desempenhassem suas tarefas de representação. As esposas, filhas, mães e irmãs de diplomatas e cônsules ajudaram a organizar múltiplas atividades sociais e filantrópicas, contribuindo diretamente com o trabalho da diplomacia. Ao mesmo tempo, várias dessas mulheres também atuavam como verdadeiras funcionárias do serviço diplomático, prestando serviços não remunerados como secretárias, tradutoras, intérpretes, entre outras funções.

Molly Wood (2005; 2007; 2015) deu importantes contribuições ao estudar o papel das esposas de diplomatas e seu papel no serviço exterior dos Estados Unidos durante a primeira metade do século XX. Ela demonstrou que as mulheres eram peças-chave para alavancar a carreira dos maridos, e que havia expectativas claras do Departamento de Estado quanto às suas funções no exterior. O estudo dos membros das famílias de diplomatas é recente na América Latina, com uma produção ainda exígua e bastante recente. Paula Bruno (2021b) estudou as argentinas Eduarda Mansilla, Guillermina Oliveira César e Ángela Oliveira César, todas esposas de diplomatas. Nathália Henrich (2024a; 2024b) explorou o caso de Flora de Oliveira Lima, casada com o diplomata-historiador brasileiro Manoel de Oliveira Lima. Jéssica Méndez Merca-

do (2024) trabalhou com a mexicana Clementina Batalla de Bassols, esposa de Narciso Bassols, representante do México na União Soviética.

Algumas destas familiares produziram registros escritos, que têm se mostrado excelentes fontes. Conforme justifica Bruno (2022, p. 56), os perfis destas autoras merecem atenção. Afinal, elas tiveram experiências de mundo diferentes das suas compatriotas, se moveram em espaços que permitiram o contato com intelectuais e personalidades do mundo editorial de outras partes do mundo. Durante o século XIX, o caso mais representativo é o da escocesa Frances Erskine Inglis, conhecida como Madame Calderón de la Barca. Ela escreveu *Life in Mexico during a Residence of Two Years in that Country* (1843), sobre sua experiência acompanhando o marido, o ministro plenipotenciário espanhol Ángel Calderón de la Barca (Esparza Ramírez, 2021). Edith O'Shaughnessy, casada com o representante estadunidense no México, publicou *A Diplomat's Wife in Mexico* (1916), que oferece o ponto de vista único de alguém que foi observadora e participante do período revolucionário (Pita González; Ayala Flores, 2015; Vicente, 2024; Wood, 2004). Há ainda o caso da britânica-norueguesa Margaret Ann Plathe, esposa do representante norueguês no México, Michael Lie, que registrou, em sua correspondência com os sogros, os últimos dias do regime de Porfirio Díaz (Arauz Mercado, 2015; Ruiz Abreu, 2018b). Em que pese um corpo crescente de literatura focada em mulheres latino-americanas, ou mulheres que estiveram na região, este ainda é um campo aberto com muito a ser feito.

Por fim, resta uma vasta área a ser desbravada no estudo das contribuições de mulheres para o pensamento internacional. Nossa participação na conformação das áreas de estudo que lidam com a análise da política internacional – História Diplomática, Direito Internacional e Relações Internacionais, entre outras – tem tido pouca ou nenhuma atenção, e raras são aquelas consideradas parte do cânone. Apenas recentemente, Kimberly Hutchings (2021) fez uma reavaliação do pensamento internacional de Rosa Luxemburgo, que analisou as formas como os limites do capitalismo levaram ao imperialismo da *Belle Époque*. Outro enfoque possível é o estudo das mulheres que foram responsáveis pela criação de subáreas dentro das RI, como é o caso de Flora Botton Beja, acadêmica mexicana responsável pelo estabelecimento dos estudos sobre a China no seu país (Magaña Huerta, 2024).

Como procuramos demonstrar com este panorama, há um crescente interesse no tema da participação das mulheres nas relações internacionais dentro e fora da academia. Este interesse vem tomando a forma de estudos com enfoques distintos, os quais buscamos identificar com o intuito de informar

sobre o estado da área e de inspirar novos trabalhos. O dossiê “História de mulheres nas Relações Internacionais no século 20” quer contribuir para o desenvolvimento deste campo de estudos no Brasil, em particular, e na América Latina, de forma geral, apresentando estudos que versam sobre mulheres brasileiras, colombianas e mexicanas, assim como estrangeiras que visitaram a região e que foram partícipes das relações internacionais no período.

O artigo que abre o dossiê, de Maria Leticia Corrêa e Mônica de Souza Nunes Martins, versa sobre a escritora e jornalista de viagens estadunidense Marie Robinson Wright (1866-1914). Wright estabeleceu uma rede de contatos que se estendia do México, passando pelo Caribe e chegando à América do Sul, o que lhe proporcionou oportunidades para realizar suas pesquisas e publicá-las, inclusive trabalhando por encomenda dos governos locais. Com isso, ela acabou por tornar-se pioneira e referência na difusão de conhecimento sobre vários países do continente. As autoras analisam a produção de Wright no contexto da expansão do projeto pan-americano que intencionava acercar culturalmente os Estados Unidos e a América Latina, para concluir que suas obras contribuíram para formar o olhar dos seus compatriotas sobre a região, o que a transformou em agente nas trocas políticas e culturais entre Estados e governos.

Em seguida, conhecemos a primeira diplomata do México revolucionário, Hermila Galindo, no artigo de Indra Labardini Fragoso. Como representante de Venustiano Carranza no exterior, Galindo promoveu o exercício da diplomacia pública e cultural revolucionária. Ao mesmo tempo, escreveu *La doctrina Carranza y el acercamiento indolatino*, em que trata das relações das grandes potências com o México e outros países latino-americanos. A autora oferece uma reflexão sobre as contribuições de Hermila Galindo para o campo das Relações Internacionais e para a política externa mexicana, chamando a atenção para seu pioneirismo na diplomacia, um aspecto menos conhecido da sua trajetória.

O artigo de Rosa Isabel Gaytán reconstitui a carreira de Palma Guillén a partir da correspondência que manteve com dois dos mais relevantes escritores latino-americanos da primeira metade do século XX. O mexicano Alfonso Reyes e a chilena Gabriela Mistral, ambos também representantes oficiais de seus países, foram amigos próximos e companheiros de trabalho no campo do internacionalismo de Genebra. A autora chama a atenção sobre a importância de refletir sobre a vida cotidiana dos atores da política internacional.

Paulo Fernando Souza Campos se debruça sobre o processo de instalação do Programa de Enfermagem no Brasil, iniciativa auspiciada pelo *Institute of*

Inter-American Affairs, da Fundação Rockefeller, em conjunto com o Ministério da Educação e Saúde, durante o Estado Novo. O autor dá destaque à figura de Ella Hasenjaeger, que não foi a única enviada ao Brasil, mas, com suas ações estratégicas, foi responsável por inserir enfermeiras brasileiras na política internacional no século XX, a partir de posições acadêmicas e como dirigentes do novo núcleo de formação. Campos ressalta ainda que esta reforma era parte do projeto modernizador do governo Vargas, e que cumpria um papel no contexto da “política de boa vizinhança” dos Estados Unidos.

O artigo de Olivia Gómez Lezama explora a vida de Neus Espresate e seu importante trabalho como editora e tradutora para a circulação de obras e autores críticos (incluindo alguns de natureza marxista ou da Nova Esquerda) na América Latina. Gómez Lezama mostra que, como responsável pela direção da editora independente ERA no México de 1962 a 2017, Espresate teve que lidar com os desafios de um ambiente de trabalho masculino, mas soube se cercar de mulheres editoras, tradutoras e escritoras com quem colaborou.

Fechando o dossiê, Angélica Rodríguez Rodríguez analisa a atuação de Noemí Sanín e María Emma Mejía como Ministras de Relaciones Exteriores na Colômbia na década de 1990. Como as duas primeiras mulheres a ocuparem esta posição, enfrentaram conjunturas políticas muito diferentes nacional e internacionalmente, mas ambas contribuíram com pautas comuns, como a diversificação dos aliados e da agenda internacional colombiana, e o maior peso dado às questões ambientais e ao tema da paz. Por fim, a autora conclui que o legado deixado pelas ministras foi a abertura do caminho para que, no século XXI, a pasta de Relaciones Exteriores fosse ocupada por mulheres na maior parte do tempo.

Em seu conjunto, os artigos oferecem relevantes contribuições para o campo de estudos das mulheres nas relações internacionais, seja com estudos de caso de trajetórias de personagens mais ou menos conhecidas no exercício da diplomacia em caráter oficial ou não, seja para o estudo da participação das mulheres em organismos multilaterais e suas contribuições para o pensamento internacional. Esperamos que este dossiê anime a produção neste campo e fomente discussões dentro e fora da academia, que promovam a equidade em todos os espaços públicos de poder.

REFERÊNCIAS

- ADAME, Ángel Gilberto. Diplomática y apasionada de la educación: Palma Guillén (1893-1975). In: ADAME, Ángel Gilberto. *De armas tomar: Feministas y luchadoras sociales de la Revolución Mexicana*. México: Editorial Aguilar, 2017. pp. 111-124.

- AGGESTAM, Karin; TOWNS, Ann. The Gender Turn in Diplomacy: A New Research Agenda. *International Feminist Journal of Politics*, v. 21, n. 1, pp. 9-28, 2019.
- AGUIRRE O. SUNZA, Ana Aurenny et al. *Memorias diplomáticas: mujeres del Servicio Exterior Mexicano*. México: Secretaría de Relaciones Exteriores, 2022.
- ÁLVAREZ GIMÉNEZ, M. E. The Transnational Feminist Movement in the Americas in the 1930s. *Ciencia Nueva: Revista de Historia y Política*, Technological University of Pereira, v. 3, n. 1, pp. 112-133, 2019.
- ARAUZ MERCADO, Diana. Voces femeninas: el epistolario de Margaret Plahte, una mirada a México y la Revolución Mexicana (1910-1920). *Arenal: Revista de historia de mujeres*, v. 22, n. 2, pp. 247-265, 2015.
- BALBINO, Viviane Rios. *Diplomata, substantivo comum de dois gêneros: um estudo sobre a presença das mulheres na diplomacia brasileira*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.
- BALESTERO, Gabriela Soares. *Mulheres na diplomacia do Brasil: Entre vozes e silêncios (1918-2018)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2022.
- BONIFAZ ALFONZO, Leticia (Org.). *Mujeres en la Diplomacia: Pioneras en México y el Mundo*. México: Secretaría de Relaciones Exteriores, 2024.
- BRUN, Élodie. La paradoja de las diplomáticas latinoamericanas. *Otros diálogos*, México, n. 30, jan. 2025.
- BRUNO, Paula. Estudio preliminar. Mujeres y vida diplomática: propuestas y claves de lectura. In: BRUNO, Paula; PITA, Alexandra; ALVARADO, Marina (Orgs.). *Embajadoras culturales: Mujeres latinoamericanas y vida diplomática, 1860-1960*. Rosario: Prohistoria Ediciones; México: Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 2021a. pp. 9-25.
- BRUNO, Paula. Eduarda Mansilla, Guillermina Oliveira César y Ángela Oliveira César: Entre ámbitos diplomáticos y circuitos transnacionales. In: BRUNO, Paula; PITA, Alexandra; ALVARADO, Marina (Orgs.). *Embajadoras culturales: Mujeres latinoamericanas y vida diplomática, 1860-1960*. Rosario: Prohistoria Ediciones; México: Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 2021b. pp. 27-96.
- BRUNO, Paula. Women and Diplomatic Life: An Overview with Methodological Directions and Proposals. In: CARBÓ-CATALAN, Elisabet; ROIG-SANZ, Diana (Orgs.). *Culture as Soft Power: Bridging Cultural Relations, Intellectual Cooperation, and Cultural Diplomacy*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2022. pp. 43-64.
- BRUNO, Paula; PITA, Alexandra; ALVARADO, Marina (Orgs.). *Embajadoras culturales: Mujeres latinoamericanas y vida diplomática, 1860-1960*. Rosario: Prohistoria Ediciones; México: Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 2021.
- CABALLÉ, Ana. Gabriela Mistral en Madrid. *Anales de literatura hispanoamericana*, v. 22, pp. 231-245, 1993.
- CANO, Gabriela. Gabriela Mistral: la dura lección de que existen patrias. *Debate Feminista*, v. 13, pp. 133-139, 1996.

- CANO, Gabriela. El “feminismo de estado” de Amalia de Castillo Ledón durante los gobiernos de Emilio Portes Gil y Lázaro Cárdenas. *Relaciones Estudios de Historia y Sociedad*, v. 149, pp. 39-69, invierno 2017.
- CARRILLO REVELES, Veremundo. Feminismo, política exterior y multilateralismo: las mexicanas y la Unión Panamericana en los años de entreguerras. In: HERRERA LEÓN, Fabián; TOLEDO GARCÍA, Itzel; MORENO RODRÍGUEZ, Laura Beatriz (Coords.). *Mujeres y relaciones internacionales en el siglo XX: historia y presencia en un mundo en transición*. México: Secretaría de Relaciones Exteriores, Dirección General del Acervo Histórico Diplomático, 2024. pp. 189-207.
- CHÁVEZ DÍAZ, Liliana; TOLEDO GARCÍA, Itzel. Una embajadora tras bambalinas: Rosario Castellanos en Israel (1971-1974). In: HERRERA LEÓN, Fabián; TOLEDO GARCÍA, Itzel; MORENO RODRÍGUEZ, Laura Beatriz (Coords.). *Mujeres y relaciones internacionales en el siglo XX: historia y presencia en un mundo en transición*. México: Secretaría de Relaciones Exteriores, Dirección General del Acervo Histórico Diplomático, 2024. pp. 109-134.
- COVA, Anne. Para uma história transnacional do associativismo das mulheres (América Latina e Europa do Sul, 1888-1918). In: PRIORI, Claudia; SILVA, Cleusa Gomes da; VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil (Orgs.). *Perspectivas transculturais e transnacionais de gênero*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. pp. 189-213.
- CUADRO, Inés. Las redes intelectuales rioplatenses de la médica uruguaya Paulina Luisi: otra cara del internacionalismo feminista del Novecientos. *Meridional: Revista Chilena de Estudios Latinoamericanos*, Universidad de Chile, n. 17, pp. 47-69, 2021.
- DECLARAÇÃO SOBRE A POLÍTICA EXTERNA Feminista da América Latina e do Caribe. 2 mar. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/declaracao-sobre-a-politica-externa-feminista-da-america-latina-e-do-caribe. Acesso em: 5 fev. 2025.
- DELAUNAY, Jean-Marc; DENÉCHÈRE, Yves. (Dirs.). *Femmes et relations internationales au XX^e siècle*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2006.
- DIETRICHSON, Elise; SATOR, Fatima. The Latin American Women: How They Shaped the UN Charter and Why Southern Agency Is Forgotten. In: ADAMI, Rebecca; PLESCH, Dan (Eds.). *Women and the UN: A New History of Women's International Human Rights*. New York, NY: Routledge, 2021. pp. 17-38.
- DIE DIPLOMATIN. Direção: Roland Suso Richter. Produção: Viktoria Barkhausen. Alemanha: UFA Fiction, 2016.
- THE DIPLOMAT. Direção: Alex Graves. Produção: Debora Cahn. Estados Unidos: Netflix Studios, 2023.
- DOMÍNGUEZ MIRANDA, Claudia Maribel. *Rosario Castellanos, intelectual mexicana*. México: UAM-Iztapalapa, 2019.
- DORANTES MARTÍNEZ, Graciela Itzayana. *La labor diplomática de Rosario Castellanos en Israel, 1971-1974*. Tesis (Licenciatura em Relaciones Internacionales)

- Facultad de Ciencias Políticas y Sociales, Universidad Nacional Autónoma de México. México, 2019.
- HRICK, Christine. Madrinas and Missionaries: Uruguay and the Pan-American Women's Movement. *Gender & History*, v. 10, n. 3, pp. 406-424, 1998.
- ESCALANTE MONROY, Katia. Diplomacia, feminismo y mediación cultural. La trayectoria de Amalia de Castillo Ledón (1939-1958). In: HERRERA LEÓN, Fabián; TOLEDO GARCÍA, Itzel; MORENO RODRÍGUEZ, Laura Beatriz (Coords.). *Mujeres y relaciones internacionales en el siglo XX: historia y presencia en un mundo en transición*. México: Secretaría de Relaciones Exteriores, Dirección General del Acervo Histórico Diplomático, 2024. pp. 209-227.
- ESPARZA RAMÍREZ, Juan Carlos. Una escocesa enamorada de México: la obra de Madame Fanny Calderón de la Barca. *Anuario de Historia Regional y de las Fronteras*, v. 26, n. 2, pp. 165-185, 2021.
- FARIAS, Rogério de Souza. "Do You Wish Her to Marry?" Brazilian Women and Professional Diplomacy, 1918-1938. *Diplomacy and Statecraft*, Routledge, v. 28, n. 1, pp. 39-56, 2017.
- FARIAS, Rogério de Souza; CARMO, Gessica Fernanda do. Brazilian Female Diplomats and the Struggle for Gender Equality. In: AGGESTAM, Karin; TOWNS, Ann E. (Eds.). *Gendering Diplomacy and International Negotiation: Studies in Diplomacy and International Relations*. London: Palgrave Macmillan, 2018. pp. 107-124.
- FOREIGNER – Brazilian Women at Diplomacy. 6 abr. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/wLysBpHjyc8?si=NnJm-ta7pbzAU-t>. Acesso em: 7 fev. 2025.
- FRIÇA, Guilherme José Roeder. *Mulheres diplomatas no Itamaraty (1918-2011): uma análise de trajetórias, vitórias e desafios*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2018.
- GALEANA, Patricia (Coord.). *Diplomáticas mexicanas*. México: Siglo XXI Editores, 2022.
- GOBO, Karla. Da exclusão à inclusão consentida: negros e mulheres na diplomacia brasileira. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 17, n. 38, pp. 440-464, jan.-abr. 2018.
- GÓMEZ LEZAMA, Olivia. Palma Guillén y el proyecto revolucionario cardenista en el ámbito internacional durante el período de entreguerras. In: HERRERA LEÓN, Fabián; TOLEDO GARCÍA, Itzel; MORENO RODRÍGUEZ, Laura Beatriz (Coords.). *Mujeres y relaciones internacionales en el siglo XX: historia y presencia en un mundo en transición*. México: Secretaría de Relaciones Exteriores, Dirección General del Acervo Histórico Diplomático, 2024. pp. 93-108.
- GUY, Donna J. The Politics of Pan-American Cooperation: Maternalist Feminism and the Child Rights Movement, 1913-1960. *Gender & History*, v. 10, n. 3, pp. 449-469, 1998.
- HENRICH, Nathália. Uma bibliófila esquecida: Flora de Oliveira Lima (1873-1940). In: AZEVEDO, Fabiano Cataldo de; SILVA, Simone Trindade Vicente da;

- FONTOURA, Tanira (Orgs.). *As mulheres e suas bibliotecas no contexto do patrimônio bibliográfico: cultura material e percursos*. Salvador: Fundação Museu Carlos Costa Pinto, 2024a. pp. 244-259.
- HENRICH, Nathália. La “compañera de vida y trabajo” que quedó en el olvido: Flora de Oliveira Lima. In: HERRERA LEÓN, Fabián; TOLEDO GARCÍA, Itzel; MORENO RODRÍGUEZ, Laura Beatriz (Coords.). *Mujeres y relaciones internacionales en el siglo XX: historia y presencia en un mundo en transición*. México: Secretaría de Relaciones Exteriores, Dirección General del Acervo Histórico Diplomático, 2024b. pp. 33-55.
- HERRERA LEÓN, Fabián. Las condiciones de trabajo de las mujeres y de los menores mexicanos: los viajes de estudio de Marguerite Thibert (1939-1942). *En-claves del pensamiento*, Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey, v. 17, n. 33, p. e551, pp. 1- 36, ene.-jun. 2023.
- HERRERA León, Fabián. La vida internacional de las mujeres latinoamericanas en el siglo XX: un estudio introductorio. In: HERRERA LEÓN, Fabián; TOLEDO GARCÍA, Itzel; MORENO RODRÍGUEZ, Laura Beatriz (Coords.). *Mujeres y relaciones internacionales en el siglo XX: historia y presencia en un mundo en transición*. México: Secretaría de Relaciones Exteriores, Dirección General del Acervo Histórico Diplomático, 2024. pp. 13-30.
- HERRERA LEÓN, Fabián; TOLEDO GARCÍA, Itzel; MORENO RODRÍGUEZ, Laura Beatriz (Coords.). *Mujeres y relaciones internacionales en el siglo XX: historia y presencia en un mundo en transición*. México: Secretaría de Relaciones Exteriores, Dirección General del Acervo Histórico Diplomático, 2024.
- HORAN, Elizabeth. Cónsul Gabriela Mistral in Portugal, 1935-1937: “un policía en la esquina y dos o tres espías adentro del hotel”. *Historia*, Santiago: Instituto de Historia; Pontificia Universidad Católica de Chile, v. 42, n. 2, pp. 401-434, 2009.
- HORAN, Elizabeth. Unrepentant Traveler, Accidental Diplomat, Triumphant Nobel: Gabriela Mistral in Wartime Brazil. *Anales de Literatura Chilena*, año 16, n. 24, pp. 253-279, dic. 2015.
- HUCK, James D. JR. Palma Guillén: Mexico’s First Female Ambassador and the International Image of Mexico’s Post-revolutionary Gender Policy. *MACLAS Latin American Essays*, Middle Atlantic Council of Latin American Studies, pp. 159-159, 1999.
- HUTCHINGS, Kimberly. Revolutionary Thinking: Luxemburg’s Socialist International Theory. In: OWENS, Patricia; RIETZLER, Katharina (Eds.). *Women’s International Thought: A New History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. pp. 52-71.
- KARAWJCZYK, Mônica. O Feminismo em Boa Marcha no Brasil! Bertha Lutz e a Conferência pelo Progresso Feminino. *Revista Estudos Feministas*, v. 26, n. 2, pp. 1-17, 2018.

- KIDDLE, Amelia M. In Mexico's Defense: Dueling, Diplomacy, Gender and Honor, 1876-1940. *Mexican Studies/Estudios Mexicanos*, University of California Press, v. 31, n. 1, pp. 22-47, 2015.
- KOLLONTAI, Alexandra. *Alexandra Kollontai en México*: Diario y otros documentos. Xalapa: Universidad Veracruzana, 2012.
- MAGANA HUERTA, Priscila. Flora Botton Beja: ciencia y diplomacia en la relación sino-mexicana. In: HERRERA LEÓN, Fabián; TOLEDO GARCÍA, Itzel; MORENO RODRÍGUEZ, Laura Beatriz (Coords.). *Mujeres y relaciones internacionales en el siglo XX: historia y presencia en un mundo en transición*. México: Secretaría de Relaciones Exteriores, Dirección General del Acervo Histórico Diplomático, 2024. pp. 135-149.
- MANSILLA DECESARI, Cristina. Pionera de la diplomacia uruguaya: Paulina Luisi en el sistema multilateral entre 1922-1932. In: HERRERA LEÓN, Fabián; TOLEDO GARCÍA, Itzel; MORENO RODRÍGUEZ, Laura Beatriz (Coords.). *Mujeres y relaciones internacionales en el siglo XX: historia y presencia en un mundo en transición*. México: Secretaría de Relaciones Exteriores, Dirección General del Acervo Histórico Diplomático, 2024. pp. 153-172.
- MARINO, Katherine M. Transnational Pan-American Feminism: The Friendship of Bertha Lutz and Mary Wilhelmine Williams, 1926-1944. *Journal of Women's History*, v. 26, n. 2, pp. 63-87, 2014.
- MARINO, Katherine M. *Feminism for the Americas: The Making of an International Rights Movement*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2019.
- MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. Entre o igualitarismo e a reforma dos direitos das mulheres: Bertha Lutz na Conferência Interamericana de Montevideu, 1933. *Estudos Feministas*, v. 21, n. 3, pp. 927-944, 2013.
- MCCARTHY, Helen. *Women of the World: The Rise of the Female Diplomat*. London: Bloomsbury Publishing, 2014.
- MÉNDEZ MERCADO, Jessica. La faceta internacional de Clementina Batalla de Basols. In: HERRERA LEÓN, Fabián; TOLEDO GARCÍA, Itzel; MORENO RODRÍGUEZ, Laura Beatriz (Coords.). *Mujeres y relaciones internacionales en el siglo XX: historia y presencia en un mundo en transición*. México: Secretaría de Relaciones Exteriores, Dirección General del Acervo Histórico Diplomático, 2024. pp. 77-89.
- MESQUITA, Thais; FRIÇA, Guilherme José Roeder. *Diplomas: sete trajetórias inspiradoras de mulheres diplomatas*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2023.
- MILLER, Francesca. The International Relations of Women of the Americas 1890-1928. *The Americas*, v. 43, n. 2, pp. 171-182, 1986.
- NICOLADELI, Angelo Tenfen. From Feminism to Eugenics: The Case of the Uruguayan Doctor Paulina Luisi. *Polis: Revista de Științe Politice*, v. 46, n. 4 Serie nouă, septembrie-noiembrie, pp. 45-71, 2024.

- OJEDA REVAH, Mario. Palma Guillén y Sánchez, precursora de la diplomacia femenina en América Latina. *Revista de Relaciones Internacionales de la UNAM*, n. 150, pp. 179-208, sep.-dic. 2024.
- OLIVEIRA, Ana Paula Conceição. *Diplomatas negros (as): Ação afirmativa no Instituto Rio Branco e trajetórias de diplomatas (ex) bolsistas*. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2011.
- ORTIZ PERALTA, Rina. La embajadora roja: Alexandra Kollontai y México. *Relaciones Estudios de Historia y Sociedad*, v. 38, n. 149, pp. 13-38, 2017.
- PASSAPORTE PARA LIBERDADE. Dirección: Jayme Monjardim. Produção: Rachel Anthony. Brasil: Estúdios Globo, Sony Pictures Television, 2021.
- PIETILÄ, Hilka. *Engendering the Global Agenda: The Story of Women and the United Nations*. Geneva: UN Non-Governmental Liaison Service, 2002.
- PITA, Alexandra. Palma Guillén, Gabriela Mistral y Concha Romero. Entre amistades, redes intelectuales y organismos de cooperación. In: BRUNO, Paula; PITA, Alexandra; ALVARADO, Marina (Orgs.). *Embajadoras culturales: Mujeres latinoamericanas y vida diplomática, 1860-1960*. Rosario: Prohistoria Ediciones; México: Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 2021. pp. 129-163.
- PITA GONZÁLEZ, Alexandra; AYALA FLORES, Hubonor. Miradas tangenciales del México huertista: *A Diplomat's Wife* de Edith O'Shaughnessy. *Tzintzun: Revista de Estudios Históricos*, n. 62, pp. 149-182, 2015.
- PITA GONZÁLEZ, Alexandra. América (Latina) en París: Mistral, Reyes y Torres Bodet en la Colección Iberoamericana, 1927-1940. In: HERRERA LEÓN, Fabián; WEHRLI, Yannick (Coords.). *América Latina y el internacionalismo ginebrino de entreguerras: Implicaciones y resonancias*. México: Acervo Histórico Diplomático, Secretaría de Relaciones Exteriores, 2019. pp. 241-275.
- POMPA ALCALÁ, Georgina. Palma Guillén y su labor diplomática en Colombia y Dinamarca (1935-1938). ¿El comienzo de una nueva era para la mujer en México? Tesis (Licenciatura em Historia) – Facultad de Filosofía y Letras, Colegio de Historia, Universidad Nacional Autónoma de México. Ciudad de México, 2023.
- QUEM SOMOS? [s.d.]. Disponível em: <https://mulheresdiplomatas.org/quem-somos>. Acesso em: 3 fev. 2025.
- QUEZADA RUIZ, Jaime. Gabriela Mistral: peregrinaje consular. *Diplomacia*, v. 126, pp. 18-38, dic. 2013.
- RODRÍGUEZ EVERAERT, Ana Sofía; RUIZ RODILLA, Álvaro. Intellectual & Artistic Encounters: Kollontai in Mexico (Part 1). In: García, Dora (Ed.). *Love with Obstacles (Amor Rojo)*. Berlin: K. Verlag, 2020. pp. 82-97.
- RUIZ ABREU, Álvaro. Kollontai y su sueño convulso: México, 1926. In: RUIZ ABREU, Álvaro. *Viajeros en los andenes: México, 1910-1938*. México: Universidad Autónoma de México, 2018a. pp. 153-181.

- RUIZ ABREU, Á. El México exquisito y nostálgico de Margaret Plahte. In: RUIZ ABREU, Álvaro. *Viajeros en los andenes*: México, 1910-1938. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2018b. pp. 29-58.
- SCARZANELLA, Eugenia. Feminismo y diplomacia: Paulina Luisi, María Cristina Giustiniani Bandini y la Comisión de la Sociedad de las Naciones contra la trata de mujeres y niños. *La Aljaba*, v. V, Segunda Época, pp. 8-26, 2000.
- SCARZANELLA, Eugenia. Amistad y diferencias políticas: Clara Campoamor, Paulina Luisi y la Guerra Civil española. In: SCARZANELLA, Eugenia; SCHPUN, Mónica Raisa (Eds.). *Sin fronteras*: encuentros de mujeres y hombres entre América Latina y Europa (siglos XIX-XX). Frankfurt: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 2008. pp. 203-222.
- SKARD, Torild. Getting Our History Right: How Were the Equal Rights of Women and Men Included in the Charter of the United Nations? *Forum for Development Studies*, v. 35, n. 1, pp. 37-60, 2008.
- STEPHENSON, Elise. The Diplomatic Glass Cliff: Women's Representation and Diplomacy's Decline. *The Hague Journal of Diplomacy*, Brill Nijhoff, v. 17, n. 3, pp. 553-587, 2022.
- TEIXEIRA Cockles, Mariana; STEINER, Andrea Quirino. As mulheres na carreira diplomática brasileira: considerações sobre admissão, hierarquia e ascensão profissional. *Monções*: Revista de Relações Internacionais da UFGD, v. 6, n. 11, pp. 250-280, 2017.
- THOMSON, Jennifer. What's Feminist about Feminist Foreign Policy? Sweden's and Canada's Foreign Policy Agendas. *International Studies Perspectives*, Oxford University Press, v. 21, n. 4, pp. 424-437, 2020.
- THRELKELD, Megan. The Pan American Conference of Women, 1922: Successful Suffragists Turn to International Relations. *Diplomatic History*, v. 31, n. 5, pp. 801-828, 2007.
- THRELKELD, Megan. *Pan American Women*: U.S. Internationalists and Revolutionary Mexico. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, Inc, 2014.
- TOLEDO GARCÍA, Itzel. Women Diplomats During the Interwar Period: The Case of Palma Guillén. *Diplomatica*, Brill Academic Publishers, v. 5, n. 1, pp. 68-94, 2023.
- TOMAS, Luah. Prejudice, Marriage and Motherhood: National and International Perceptions on the 1938 Prohibition of Women in Brazilian Foreign Service. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020.
- TOWNS, Ann. The Inter-American Commission of Women and Women's Suffrage, 1920-1945. *Journal of Latin American Studies*, v. 42, n. 4, pp. 779-807, 2010.
- TOWNS, Ann; NIKLASSON, Birgitta. Where Are the Female Ambassadors? Gender and Status Hierarchies in Ambassador Postings. In: AGGESTAM, Karin; TOWNS, Ann E. (Eds.). *Gendering Diplomacy and International Negotiation*: Studies in

- Diplomacy and International Relations. London: Palgrave Macmillan, 2018. pp. 25-44.
- TRANSATLANTIC. Direção: Stéphanie Chuat. Produção: Daniel Hendler. Alemanha; França: Studio Airlift; Cactus Films, 2023.
- TUÑÓN PABLOS, Enriqueta. Amalia González Caballero: su papel en la diplomacia mexicana. In: GALEANA, Patricia (Coord.). *Diplomáticas mexicanas*. México: Siglo XXI Editores, 2022. pp. 100-116.
- ULLOA INOSTROZA, Carla. *Gabriela Mistral en México: La construcción de una intelectual (1922-1924)*. Santiago: Universidad de Chile, 2022.
- URIBE, Sara; GERBER BICECCI, Verónica. *Rosario Castellanos: Materia que arde*. México: Lumen, 2023.
- VICENTE, Melissa. Entre salões e banquetes: vivências intercontinentais de diplomacia feminina (1850-1917). *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, v. 24, n. 37, pp. 15-37, 2024.
- WILKINS, Douglas Barry. Gabriela con valija diplomática. La génesis de la vida consular de Gabriela Mistral. *Contextos: Estudios de Humanidades y Ciencias Sociales*, n. 33, pp. 113-123, 2015.
- WOOD, Molly M. A Diplomat's Wife in Mexico: Creating Professional, Political, and National Identities in the Early Twentieth Century. *Frontiers: A Journal of Women Studies*, v. 25, n. 3, pp. 104-133, 2004.
- WOOD, Molly M. Diplomatic Wives: The Politics of Domesticity and the "Social Game" in the U.S. Foreign Service, 1905-1941. *Journal of Women's History*, v. 17, n. 2, Johns Hopkins University Press, pp. 142-165, 2005.
- WOOD, Molly M. "Commanding Beauty" and "Gentle Charm": American Women and Gender in the Early Twentieth-Century Foreign Service. *Diplomatic History*, v. 31, n. 3, p. 505-530, 2007.
- WOOD, Molly M. Wives, Clerks, and "Lady Diplomats": The Gendered Politics of Diplomacy and Representation in the U.S. Foreign Service, 1900-1940. *European Journal of American Studies*, v. 10, n. 1, pp. 1-12, 2015.

NOTAS

¹ Becaria postdoctoral Humboldt.

² Todas as traduções em idiomas estrangeiros são de responsabilidades das autoras, exceto quando expressamente indicado.

³ Entre outras, as ações da AMDB foram a comunicação com as chefias do Itamaraty e as gestões junto a lideranças no Congresso Nacional e na sociedade civil (academia, think-tanks, imprensa). Cf. Quem somos ([s.d.]).

⁴ O documentário completo está disponível em Foreigner (2019).

⁵ Bruno (2022, pp. 44-45) menciona livros que tiveram sucesso, como *Daughters of Britan-*

nia: *The Lives and Times of Diplomatic Wives* (1999), *Amanti e Regine: Il Potere delle Donne* (2005), *Propos Irrévérrencieux d'une Épouse d'Ambassadeur* (2002) e *Femme d'Ambassadeur* (2002). A esta lista, podemos adicionar a ficção política alemã *Die Diplomat* (2022) e séries de televisão recentes, como *Die Diplomat*, que estreou em 2016 na Alemanha, e *The Diplomat*, uma premiada produção da Netflix que atinge um público global. Há também séries recentes que exploram as redes de cooperação internacional da qual mulheres fizeram parte na Segunda Guerra Mundial, como *Transatlantic* (2023) e a brasileira *Passaporte para Liberdade* (2021), livremente inspirada na história de Aracy de Carvalho, funcionária do Consulado do Brasil em Hamburgo, reconhecida como “Justa Entre as Nações” por Israel.

⁶ A “Declaração sobre a Política Externa Feminista da América Latina e do Caribe” foi adotada em 2024, durante a VIII Cúpula da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC), pelos governos de Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México e República Dominicana. O texto “reitera o compromisso dos países signatários com a paridade e a igualdade de gênero, bem como com o fortalecimento do acesso pleno e igualitário das mulheres a posições de liderança e a processos de tomada de decisão na América Latina e no Caribe”, mas não estabelece medidas nem metas concretas. A declaração não implica em que, individualmente, os países signatários tenham se comprometido a adotar uma “política externa feminista”. Cf. Declaração sobre a Política Externa... (2024).

⁷ Por exemplo, Jennifer Thomson (2020) encontrou diferenças significativas entre a concepção de política externa feminista da Suécia e do Canadá.

⁸ Há disparidades na região, com alguns países centro-americanos e caribenhos se destacando positivamente: Nicarágua (48%), Cuba (35%), El Salvador (39%). No outro extremo, com percentual inferior a 10%, estão Haiti (6%) e Bolívia (8%) (Brun, 2025).

⁹ Para o caso francês, ver Delaunay e Denéchère (2006), e para o Reino Unido, ver McCarthy (2014).

¹⁰ O Ministro Celso Amorim (2003-2011) pôs em prática uma “política informal de cotas” para promoção de mulheres. No plano formal, medidas inéditas foram adotadas ao longo da década, como a política de paridade de gênero em bancas examinadoras de concursos e cursos, a distribuição paritária das bolsas do Programa de Ação Afirmativa – Bolsa-Prêmio de Vocação para a Diplomacia, criado para incentivar o ingresso de pessoas negras na carreira diplomática, e a instituição de um Comitê Gestor de Gênero e Raça.